

PRESENTACIÓN LIBRO DE RUBÉN DARÍO

Boa noite a todos.

Antes de mais, quero agradecer ao Rui, o autor da edição de contos de Rubén Darío de que falarei de seguida, o convite para apresentar esta obra. Apraz-me sempre falar de literatura hispano-americana, especialmente aqui em Portugal e particularmente de um autor como Rubén Darío, que é um referente literário incontestável não só no âmbito hispano-americano mas também, do meu ponto de vista, universal.

De facto, o nicaraguense Darío representa um dos grandes marcos das letras hispanas, pelo seu inquestionável talento como poeta e prosista, pelo carácter emblemático de alguns dos seus títulos como *Azul* (1888), *Prosas profanas* (1896) e *Cantos de vida y esperanza* (1905) e pela significativa renovação conceptual e estilística que trouxe à língua espanhola, abrindo as portas às influências estéticas europeias através de uma corrente que aspirava a transcender definitivamente o Realismo e o Naturalismo precedentes, corrente que ele próprio baptizou com o nome de «Modernismo» e que foi o primeiro movimento literário autóctone da América hispana.

O Modernismo hispano-americano, de carácter cosmopolita, fortemente influenciado pelo Simbolismo e Parnasianismo franceses, foi, portanto, uma reacção contra o passado recente e a sociedade contemporânea que se manifestou através do elitismo (o poeta modernista considerava-se a si mesmo um ser superior encarcerado por vontade própria na sua torre de marfim), através da evasão da realidade circundante para outras épocas e lugares (a antiguidade clássica, a Idade Média, o desencantamento romântico, as culturas nórdicas, orientais, ancestrais da América, etc.), e através do canto ao amor e ao erotismo.

Neste contexto, Rubén Darío foi uma espécie de catalisador da grande mudança estilística que estava a acontecer em simultâneo em diversos lugares da Hispano-américa, de Cuba, com José Martí, ao México de Manuel Gutiérrez Nájera, passando por Colômbia com José Asunción Silva, e depressa se transformou num líder geracional com um séquito de seguidores e imitadores.

Como afirmou com acerto Jorge Luis Borges, «todo lo renovó Darío»: la materia, el vocabulario, la métrica, la magia peculiar de ciertas palabras, la sensibilidad del poeta y de sus lectores. Su labor no ha cesado ni cesará; quienes alguna vez lo combatimos, comprendemos hoy que lo continuamos. Lo podemos llamar el Libertador».

E insiste: «Cuando un poeta como Darío ha pasado por una literatura, todo en ella cambia. No importa nuestro juicio personal, no importan aversiones o preferencias, casi no importa que lo hayamos leído. Una transformación misteriosa, inasible y sutil ha tenido lugar sin que lo sepamos».

O admirado vate nicaraguense cultivou ao longo da sua dilatada trajetória profissional tanto a prosa como o verso, se bem que até há muito pouco tempo era mais conhecido e valorizado pela crítica como poeta do que como prosista ou narrador, como é referido no excelente prefácio de André Fiorussi que precede esta edição de contos de Darío de Rui Manuel Amaral.

Efetivamente, à exceção dos contos que fazem parte da sua obra inaugural, *Azul*, a crítica especializada sempre menosprezou a narrativa breve de Rubén Darío, uma obra intermitente que não por ser menos conhecida é, de um modo geral, de inferior qualidade à dos seus poemas.

Porém, segundo os críticos mais severos, um dos principais defeitos da prosa dariana é o facto de ser excessivamente lírica, isto é, nos seus contos e conatos de romance, a

linguagem adquire mais importância do que a ficção narrativa, o que resta tensão ao relato, ou seja, o que querem dizer é que há pouca ação nos seus contos.

Claro que o excesso de lirismo não é um traço idiossincrático apenas dos seus contos, mas da sua prosa no geral. Aliás, os editores do conhecido diário bonaerense «La Nación» (do qual Darío foi colaborador desde 1889 até ao ano da sua morte), estiveram prestes a despedi-lo em várias ocasiões, fartos das copiosas referências artísticas, literárias e culturais que inseria nas suas crónicas, que, como género jornalístico, deviam ser objetivas e fáceis de entender.

Mas, de outra perspetiva, de acordo com a crítica mais recente, este esbatimento consciente de fronteiras entre a prosa e o verso é precisamente a grande inovação da narrativa breve de Darío, uma interpretação com a que concordo plenamente porque, da mesma forma que grande parte da sua prosa é, efetivamente, lírica, muitos dos seus poemas mais conhecidos, como «Sonatina» ou «A Margarita Debayle», são autênticos contos em verso.

Para além da sua atividade como poeta, os contos do autor nicaraguense são indissociáveis da sua atividade jornalística, como cronista, principalmente. Aliás, todos os seus contos foram editados por primeira vez em jornais, revistas ou suplementos literários com os que colaborou desde a sua adolescência em Nicarágua, e muitos desses relatos foram achados recentemente, estando alguns ainda por descobrir.

Por sua vez, a atividade jornalística de Rubén Darío está estreitamente ligada à sua peculiar configuração biográfica: foi um poeta, um jornalista e um diplomático cosmopolita e nómada que percorreu ao longo dos seus 49 anos de vida todos os países de língua espanhola, permanecendo longas e fecundas temporadas em alguns deles. Assim, viveu intensamente a vida literária e intelectual da sua pátria centro-americana

(Nicarágua), do Chile, da Argentina e de Espanha, deixando a sua marca indelével em todos eles.

A narrativa breve do autor de *Azul* é constituída à data por um corpus de aproximadamente 80 contos, uma produção que podemos dividir em 5 etapas diferentes que coincidem, em traços gerais, com as fases da sua biografia que referi anteriormente.

A primeira etapa corresponde à sua primeira juventude em Nicarágua e dela fazem parte apenas 4 contos (entre eles, os intitulados «À beira do Rhin» e «Primeira impressão») cujos aspetos mais significativos são a fluidez verbal do autor e uma certa tendência autobiográfica, presente também na sua produção posterior.

O segundo momento corresponde à sua etapa chilena (1886-1889) e é o seu período mais produtivo e de maior qualidade como narrador (publicou aqui 21 contos), apesar da sua confessada inadaptação ao meio: foi uma das piores fases da sua vida, em termos pessoais e profissionais (como ele próprio confessou na sua autobiografia *La vida de Rubén Darío contada por él mismo*), mas também uma das mais fecundas em termos literários. Muitos dos contos da etapa chilena, que abordam de forma quase obsessiva o conflito entre o artista e a sociedade moderna (uma circunstância autobiográfica), foram incluídos na sua aclamada obra *Azul*. Na edição de Rui Manuel Amaral encontramos dois dos contos mais emblemáticos de *Azul*: «A ninfa: conto parisiense» e «O sátiro surdo», através de cuja leitura é possível apreciar a magia verbal do estilo dariano no seu máximo esplendor.

Depois do Chile, o autor regressou à América Central (entre 1889-1892) e publicou 14 contos novos, entre os que destacam «A árvore do rei David», «A morte de Salomé» e «Febea» (este último incluído também na seleção de Rui Amaral).

Nestes contos é evidente o esmorecimento das tensões pessoais que davam intensidade aos contos chilenos, uma vez que o autor se encontrava de novo integrado num meio familiar onde começava a ser reconhecido pelo enorme sucesso de *Azul*.

Nesse sentido, desaparece quase por completo o tema do artista inadaptado ao meio e surgem novos tópicos como as suas paradigmáticas recriações do mundo antigo, as pretensões moralizantes de alguns relatos e a progressiva incorporação, através de cenas bíblicas, da cultura cristã como contexto ou enquadramento geral destas histórias.

Durante a sua estadia em Buenos Aires (1893-1898), Darío publicou mais 34 relatos breves (a percentagem mais alta de toda a sua produção), nos quais sobressai uma nova temática: a fantástica (uma espécie de simbiose entre o mundo verosímil e o inverosímil ou irreal), muito cultivada e legitimada na Argentina. Temas secundários novos dos contos desta etapa são as dificuldades enfrentadas pelo escritor durante o seu trabalho criativo, as fobias pessoais de Darío (como, por exemplo, o pânico à morte) e questões filosóficas gerais (como a coexistência do Bem e o Mal). Na edição de Rui Amaral que estou a apresentar incluem-se vários contos da etapa argentina, como por exemplo «As razões de Asvero», «O pesadelo de Honório», ou «Thanatofobia».

Em relação com o último período literário e vital (1898-1916) de Rubén Darío, a quantidade de contos novos é bastante reduzida, mas, a dizer da crítica, são relatos de uma qualidade literária maior e mais constante do que a dos contos das etapas precedentes (à exceção da etapa chilena, como já mencionei).

É importante salientar a continuidade do predomínio da temática fantástica iniciada em Buenos Aires, em contos como «A larva» e «Huitzilopochtli-Lenda Mexicana», que fazem parte também da edição de Rui Manuel Amaral.

De acordo com José María Martínez, autor de uma edição de contos de Rubén Darío (1997) publicada em Cátedra, uma editora espanhola muito conceituada, a preponderância da temática fantástica nestes últimos contos é devida às mudanças psicológicas e à inquietude existencial experienciadas por Darío na etapa final da sua vida, bem como ao seu interesse pessoal no «além» e aos seus contactos com as diversas heterodoxias e sucedâneos religiosos próprios do ambiente finissecular.

Em resumo, a narrativa breve de Rubén Darío é altamente heterogénea, quer em termos de qualidade, quer em termos de amplitude temática, o que faz deste autor uma figura singular no seio da prosa modernista, pela rutura que operou em relação com a tradição literária anterior: foi dos primeiros em enfrentar a escrita do conto desde uma perspectiva puramente artística, libertando-o da obsessão pelo conteúdo e pela mimese. Nesse sentido, é um autor fundamental para entender a evolução histórica da narrativa breve em língua espanhola.

Apesar da importância do seu legado literário, este autor é praticamente desconhecido fora do âmbito hispânico, uma vez que são escassas as traduções rigorosas da sua obra para outras línguas, entre elas para o português europeu.

Por isso, esta edição de contos de Rubén Darío cuidadosamente preparada por Rui Manuel Amaral vem preencher um vazio gritante, na minha opinião, que irá contribuir, sem dúvida, para a difusão da obra de um dos maiores literatos da língua espanhola entre os leitores de língua materna portuguesa, promovendo o diálogo literário de expressão ibérica.

É de louvar não só a iniciativa de impulsionar a figura literária de Rubén Darío entre o público leitor português, mas também a cuidadosa seleção de contos que nos apresenta (contos que são representativos das várias fases criativas do autor às que me referi

anteriormente) e, sobretudo, a sua excelente competência tradutora, que é importante salientar pela dificuldade acrescida que representa para qualquer profissional traduzir textos literários escritos não só em prosa, mas em prosa poética, um traço formal característico dos contos de Rubén Darío, que torna a expressão mais bela, mas também mais hermética pela multiplicação da presença de recursos estilísticos.

Todos os que alguma vez nos aventurámos pelos trilhos da tradução literária, somos conscientes das dificuldades inerentes à tradução poética, por isso falo com conhecimento de causa. Nesse sentido, não podia deixar de destacar a qualidade deste trabalho.

Por tudo isto, Rui, BEM-HAJA, e oxalá esta seja a primeira de muitas iniciativas que contribuam para dar a conhecer em Portugal e em português os incontáveis tesouros que encerra a literatura hispano-americana, quer em prosa, quer em verso.

OBRIGADA.

Por Mirta Fernández